

ESTUDOS SEMIÓTICOS: EM BUSCA DO SENTIDO PERDIDO

DEMÓCRITO DE OLIVEIRA LINS¹

RESUMO

Entre as características da ciência está sua não regularidade, sua constante evolução, de modo que, com a constituição de grupos de pesquisa, ateliês, reuniões, congressos, grupos de estudo, a semiótica (de Greimas) quase que, inevitavelmente, foi tomando outros rumos, foi "evoluindo". Entre estes outros rumos, quiçá mais conhecidos por *novas tendências*, apresentaremos e discutiremos noções básicas de dois: a *teoria sociosemiótica*, de Eric Landowski e a *semiótica tensiva* de Claude Zilberberg. Considerando que o objeto de estudo da semiótica é o *sentido*, o presente artigo pretende (re)discutir a relação entre estas novas tendências semióticas e seus objetos. Baseados em Greimas & Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (1996); Barros (1990, 2001), entre outros, revisitamos o conceito de *sentido* e observamos que, a pesar de que por trás dos projetos teóricos sempre há o intuito de construção de modelos de previsibilidade, considerando a anuência por parte dos fundadores da semiótica da indefinibilidade do conceito de sentido, nos questionamos até que ponto pode-se prever aquilo que é indefinível. Parece-nos evidente que, antes de qualquer desdobramento teórico, é preciso haver uma descrição satisfatória e o mais consensual possível de seu objeto, para só então, poder pensar em alguma extensão de tal teoria.

Palavras-chave: semiótica, sentido, novas tendências semióticas.

¹ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo. E-mail para contato: democritooliveira@cchl.uespi.br

INTRODUÇÃO

Desde sempre o ser humano buscou o sentido das/paras as coisas. O sábio rei Salomão já se perguntava “como é que alguém pode descobrir o sentido das coisas que acontecem? Isso é profundo demais para nós e muito difícil de entender” (BÍBLIA, Eclesiastes, 7,24). Os filósofos de nossa antiguidade sempre procuraram decifrar este enigma; na verdade, o interesse pelo sentido acompanhou o avanço cronológico e científico, de modo que “todo gran filósofo del pasado, pero también del presente - dirá Eco - había elaborado una teoría del sentido” (CHAUVEL, 2016, pág. 9). Na linguística, a conhecida dicotomia saussuriana entre o **significante** (o suporte material fônico ou gráfico) e o **significado** (o conceito formado por sua ligação com um significante) é reformulada, posteriormente, por L. Hjelmslev, quando propõe dois planos para a linguagem (o da expressão e o do conteúdo) cuja relação, pressuposta reciprocamente, constitui o que chamamos **semiose**. Desenvolvida, depois, a questão da forma e do conteúdo, Martinet (1985) em um intento de ilustrá-la, metaforicamente nos dizia que, “o sentido é como um fluido que adota a forma do vaso que o contém, e que não tem existência senão como a substância dessa forma”, e que “a forma se projeta na substância como a sombra de uma rede numa superfície contínua”. A tendência imanentista da linguística quis reduzir tal relação, inicialmente concebida como **forma:sentido**, à noção única de forma, numa tentativa vã de evitar a ineludível presença do sentido. Benveniste (2005) o expressa da seguinte forma:

Eis que surge o problema que persegue toda a linguística moderna, a relação **forma:sentido**, que muitos linguistas queriam reduzir à noção única de forma, sem, porém, conseguir libertar-se do seu correlato, o sentido. O que não se tentou para evitar, ignorar ou expulsar o sentido? É inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contemplam (BENVENISTE, 2005, pág. 135)

Ducrot (2004), por sua vez, já nos alertava que “si alguien pudiera decir con exactitud qué es el sentido ya tendría la clave para resolver todos los problemas filosóficos” (DUCROT, 2004:359). O projeto de uma teoria semiótica nasce com a ousada e ambiciosa pretensão de dar conta deste objeto, conforme nos explicita Bertrand (2003): “O objeto da semiótica é o **sentido**. Domínio infinitamente vasto, do qual se ocupa o conjunto das disciplinas que constituem as ciências humanas, da filosofia à linguística,

da antropologia à história, da psicologia à sociologia”. O termo **semiótica** originado do grego – **semeion** - significa signo, ou seja, tudo aquilo que significa algo, podendo ser uma palavra, gesto, imagem, som, que por sua vez, possui um significado para alguém. No entanto, se consideramos o sentido como objeto da Semiótica, em nada a diferenciamos de outras disciplinas como a antropologia, a sociologia, a filosofia, que também, se ocupam deste objeto. Assim, faz-nos necessário restringir que, na verdade, a semiótica se interessa não pelo sentido **stricto sensu**, mas pelo “parecer do sentido”, que é apreendido através das formas de linguagem e, mais, precisamente, dos discursos que o manifestam. O sentido, segundo Greimas & Courtés (2008) é um conceito indefinível que pode ter intuitiva ou ingenuamente duas abordagens: 1. aquilo que permite as operações de paráfrase ou de transcodificação; 2. aquilo que fundamenta a atividade humana enquanto intencionalidade. Podemos observar tal “indefinitude”, sobretudo a partir do pronome indefinido que tenta “defini-lo”: **aquilo**.

Concebida por Greimas, a semiótica discursiva de linha francesa tem como objeto o sentido expresso no/pelo texto (e não a palavra ou a frase), e procura explicar os sentidos do texto, ou seja, o que o texto diz e o que faz para dizer aquilo que diz (os mecanismos e procedimentos que constroem os seus sentidos). Parece-nos oportuno mencionar que a semiótica concebe estes mecanismos e procedimentos de dois tipos: 1. A organização linguística e discursiva do texto e 2. As relações com a sociedade e a história. Assim, considerando o primeiro tipo, o texto se organiza e produz sentidos, como um objeto de comunicação; por outro lado e, considerando o segundo tipo, o texto se constrói na relação com os demais objetos culturais, como objeto de comunicação. (BARROS, 1990) Para a construção do sentido do texto, seu plano de conteúdo é concebido pela semiótica como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, e que possui três etapas, que podem ser descritas e explicadas por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis.

Na primeira etapa do percurso, a mais simples e mais abstrata, denominada nível fundamental ou das estruturas fundamentais surge a significação como uma oposição semântica mínima; por exemplo, o sentido de um texto pode ser construído a partir da oposição /justiça/ versus /injustiça/; o de outro, a partir de /problema/ versus /solução/, etc. Tais oposições são determinadas pela categoria tímica, que por sua vez, articula-se em **euforia/disforia** (tendo a aforia como termo neutro) e provoca a valorização positiva (eufórica) e/ou negativa (disfórica) de cada um dos

termos da estrutura elementar da significação. Somente o texto e a partir dele poder-se-á categorizar os termos de uma oposição semântica em eufóricos e/ou disfóricos.

No segundo nível, denominado narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa do ponto de vista de um sujeito. Em sua sintaxe, compreendem-se as transformações de estado dos actantes assim como o estabelecimento/quebra de contrato entre um destinador e um destinatário. Constatam-se três percursos: o da **manipulação** (realizado de pelo menos quatro modos possíveis: **tentação**, **intimidação**, **provocação** e **sedução**); o da **ação** (depois de manipulado o sujeito adquire/consegue **competência** para executar (ou não) sua **performance**); e o da **sanção**, no qual o destinador julga as ações do destinatário dando-lhe a retribuição devida, sob a forma de **recompensa** ou de **punição**. Em sua semântica, analisam-se as modalidades do ser e do fazer, de onde provem as paixões.

No terceiro nível, denominado discursivo ou das estruturas discursivas, a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação. Em sua sintaxe, explicam-se as relações deste sujeito com o discurso-enunciado, consubstancializando as escolhas de pessoa (actorialização), de tempo (temporalização) e de espaço (especialização). Examinam-se os pontos de vista das relações que se dão entre a instância da enunciação e o texto-enunciado, que produzem efeitos de proximidade ou distanciamento da enunciação e efeitos de realidade ou referente. Em sua semântica, os valores assumidos pelos actantes da narrativa são disseminados sob a forma de percursos temáticos e recebem investimentos figurativos, dados pelo sujeito da enunciação que, ao assim proceder, assegura a coerência semântica do discurso e cria efeitos de sentido de realidade.

A ciência se caracteriza, entre outras coisas, por sua não regularidade, sua constante evolução, de modo que, com a constituição de grupos de pesquisa, ateliês, reuniões, congressos, grupos de estudo, a semiótica (de Greimas) quase que, inevitavelmente, foi tomando outros rumos, foi "evoluindo". Entre estes outros rumos, quiçá mais conhecidos por **novas tendências**, apresentaremos e discutiremos noções básicas de dois: a **teoria sociosemiótica**, de Eric Landowski e a **semiótica tensiva** de Claude Zilberberg.

SOCIOSSEMIÓTICA

O termo **sociosemiótica** pode ser concebido sob duas perspectivas: 1. um dos ramos especializados da semiótica que tem por objeto o

social; 2. uma das principais correntes teóricas que se oferecem atualmente para renovar a análise dos fatos de significação em geral, qualquer que seja o tipo de domínio empírico considerado. O que a faz especial é o fato de explorar uma relação necessária, a **interação**. Seu promotor, Eric Landowski, nos diz que “o que faz a sua especificidade é uma opção teórica da qual ela não tem o monopólio, mas da qual ela procura extrair todas as consequências, a saber a ideia de uma relação necessária, constitutiva, ligando sentido e **interação**” (LANDOWSKI, 2004, 2005: 30-31). Ainda nos diz que “em uma palavra, pensar sociossemioticamente a questão geral do sentido, ou analisar sociossemioticamente objetos de ordens diversas, é, em todos os casos, colocar a noção de **interação** no coração da problemática da significação” (LANDOWSKI, 2014:11, grifo nosso). Esta citação será chave para a reflexão que pretendemos propor neste trabalho.

Inicialmente a ideia sociossemiótica era relacionada àquela de “sistema de conotações sociais”, ou seja,

Considerando que as práticas semióticas, verbais, gestuais ou outras constituem manifestações por meio das quais se exprimem «conotativamente» as posições sociais dos agentes, propunha-se inventariar as correspondências entre tipos de comportamentos (em primeiro lugar linguísticos) e tipos de papéis sociais (definidos a partir de variáveis tais como a idade, o sexo, o estatuto profissional, etc.). (LANDOWSKI, 2014:11)

No entanto, apresenta-se um inconveniente a esta concepção primeira: a exclusão da autonomia do semiótico, devido à redução do sentido a uma função de expressão segunda, subordinada à precedência das estruturas sociais. Assim, com uma considerável rejeição por parte dos pesquisadores em apoiar esta vertente, a sociossemiótica passou a tomar um rumo contrário, de modo que poderíamos resumir os seus atuais princípios em três pontos amplos (LANDOWSKI 1989; 2004: 18-37):

1. O projeto sociossemiótico sob sua forma atualmente efetiva assume como hipótese primeira que as produções de sentido não devem ser tomadas como «representações» do social considerado enquanto referencial ou realidade primeira. São, ao contrário, as práticas de construção, negociação, intercâmbio de sentido que vêm **construindo** o «social» enquanto universo de sentido.
2. Paralelamente, esse projeto nasce da decisão de deixar de uma vez por todas aos semiologistas as noções

de *código* e de *signo*. Por oposição, a (socio) semiótica pretende construir uma problemática mais abrangente da *significação* concebida ao mesmo tempo como uma totalidade dependente da articulação estrutural imanente a cada discurso ou prática (e não de uma simples justaposição de elementos combinatórios) e como o resultado de uma construção negociada entre os actantes (e não como o produto de um simples reconhecimento de unidades pré-codificadas).

3. Menos que uma análise do sentido realizado, investido nos objetos – nos enunciados, nos textos, nas coisas que nos circundam ou nos comportamentos que nós observamos –, a sociosemiótica se propõe como uma teoria da produção e da apreensão do sentido em *ato*. (LANDOWSKI, 2014, pág. 12)

Com relação ao modelo semiótico dito *standard* considerado como uma semiótica da ação (“em papel”), por um lado, a teoria sociosemiótica se situa como extensão desta, retomando seus principais conceitos e revisitando algumas problemáticas como o modelo actancial e modal conhecido como gramática narrativa; por outro lado, a partir de uma *crítica metódica* deste modelo dito *standard*, a teoria sociosemiótica vem se construindo ao enfatizar o ato e mais especificamente a dimensão interacional dos processos. (LANDOWSKI 2004: 39-49). Deste modo:

Ao procurar superar as pressuposições filosóficas e antropológicas desse modelo e completar suas lacunas, a sociosemiótica foi levada a adicionar à conceituação semio-narrativa clássica um certo número de complementos que tomam finalmente lugar num modelo novo, ao mesmo tempo integrador e inovador (LANDOWSKI 2005: 71-92).

Assim, espera-se que aos distintos modos de significância, uns da ordem da leitura, outros da captura, correspondam, em termos de narrativa, *regimes de interação* também distintos (LANDOWSKI, 2007), a saber:

1. A **programação**, fundado sobre a *regularidade* (estratégias do programador): é o regime da repetição do mesmo, da «rotina» e do risco mínimo, mas ao mesmo tempo também aquele do maior fechamento do sentido, podendo mesmo chegar à insignificância. Por sua vez, o princípio que o rege, a *regularidade*, remete à constância das relações entre os efeitos e seus determinantes e, pode ser garantida, por relações de causalidade ou por coerções sociais

- traduzidas sob a forma de regras, de hábitos, de rituais que, uns e outros, acabam definindo papéis temáticos por definição fixos.
2. A **manipulação**, fundado sobre a intencionalidade (estratégias do manipulador): consiste, em fazer com que um dos actantes se dobre à vontade do outro; trata-se de pôr em relação as intencionalidades e, se dá, quando o sujeito, transformando o **álea** em uma espécie de destinador, tenta "conjuram a sorte" e orientar o azar a seu favor.
 3. O **assentimento**, fundado sobre o aleatório (estratégias do fatalista): é também chamado de **acidente**; a escolha entre essas duas denominações depende da perspectiva que se adote: por um lado, chamamos **regime de acidente** se adotamos uma perspectiva "objetivante", na qual destacamos o caráter imprevisível, aleatório, "acidental" do que advém; por outro lado, chamamos regime de **assentimento** quando em conformidade com o ponto de vista do sujeito, este aceita a incerteza da sorte, a possibilidade do acidente, o risco do **nonsense**.
 4. O **ajustamento**, fundado sobre a sensibilidade (estratégias do oportunista): a partir não de uma lógica da **junção** mas de uma lógica da **união**, este regime põe em jogo o processo de contágio fundado sobre as qualidades sensíveis dos parceiros da interação e, consiste na captura, pelos interactantes, dos efeitos de sentido provenientes das qualidades estéticas - da organização plástica e do andamento rítmico - imanentes ao "discurso sensível" que cada um dos parceiros endereça ao outro através da dinâmica de sua presença em movimento (GENINASCA 1984; GREIMAS 1987; FLOCH 1997).

Estes regimes, ao permitirem dar conta da variedade e do caráter geralmente compósito, híbrido ou polivalente das práticas interacionais observáveis sobre os terrenos os mais diversos, visam, também, dar conta não somente das regularidades, mas também dos acidentes da construção do sentido, de modo que esse modelo implica uma moral da interação, ou uma ética do sentido. (LANDOWSKI, 2014:15).

Landowski questiona, ainda, o postulado segundo o qual todas as alterações que afetam a condição material e moral dos sujeitos submetem-se a operações de **junção**, que, por sua vez, alternativamente põem estes sujeitos ou de posse dos objetos que valorizam (conjunção), ou em estado de privação (disjunção) (GREIMAS & COURTÉS, 1979) afirmando

que tal modelização permite dar conta somente de um aspecto, muito parcial, de nossas relações com o mundo – de seu aspecto “econômico”. Para ele, “além dessa dimensão da vida, existe, enquanto positivamente também semioticamente analisáveis, interações independentes de qualquer transferência de objetos entre sujeitos” (LANDOWSKI, 2014:13). Aqui, questionaríamos se será possível haver interação sem transferência de “objetos”.

Outra dita nova tendência que vem se desenvolvendo nos últimos anos, a Semiótica Tensiva, constitui-se, conforme Landowski (2014) uma das formas atuais da semiótica geral. Ele o expressa desta forma: “Deixando de constituir uma “aplicação” da disciplina a um campo particular, ela [a sociossemiótica] se apresenta - do mesmo modo que a sua concorrente (e cúmplice), a “**semiótica tensiva**” - como uma das formas atuais da semiótica geral” (LANDOWSKI, 2014:11, grifo nosso). Passemos a revisitar alguns de seus conceitos:

SEMIÓTICA TENSIVA

A semiótica tensiva, assim como a sociossemiótica, surge com o objetivo de dar conta de questões concernentes à construção do sentido cuja exploração, para seu criador, era impossível se se usasse somente os instrumentos aportados pela semiótica *standard*. Baseado na corrente estruturalista de Saussure, recordemos que, para Greimas o sentido nasce da oposição, da “diferença”. Por outro lado, influenciado pela noção de temporalidade adotada por Paul Valéry e Michele Brelet, Claude Zilberberg observa que além de uma simples oposição entre elementos há uma tendência de que estes assumam uma determinada direção, ou seja, de que as grandezas “tendem a” outras grandezas e não apenas se opõem ou se assemelham a elas. Aqui temos a base de sua semiótica, que por sua vez, é desenvolvida com o apoio de conceitos relacionados com a prosódia: tempo, andamento, duração, tonicidade, ritmo, etc.

Com relação à categoria do andamento, a semiótica se interessa por sua capacidade de, a partir da aceleração, concentrar a temporalidade ou, ao contrário, a partir da desaceleração, torna-la mais difusa. Trata-se de um princípio físico, uma relação proporcionalmente inversa entre duas dimensões do próprio tempo: quanto mais rápido o andamento, mais breve a duração; quanto mais lento o andamento, mais longa a duração. Além disso, observa-se que tal relação (andamento x duração) incide sobre o espaço, ou seja, sob uma perspectiva física, este se concentra (ou se fecha) quando

percorrido com maior velocidade e se dilata (ou se abre) com a desaceleração. No entanto, não lhe interessa ao semiótico o espaço físico, e sim, o espaço subjetivo do ser humano, que é tomado pela presença do objeto, diante do impacto de um acontecimento. Esta observação clara da atuação do andamento sobre as categorias tempo (duração) e espaço proporcionou a Zilberberg a proposição de uma gramática elementar na qual a condensação ou expansão do tempo e do espaço pressupunham a velocidade imprimida a estas categorias, o que nos leva a afirmar que o andamento sempre era o termo regente. Assim, o semiótico decide instituir o andamento, e seu componente afetivo, como uma das dimensões da **intensidade** que regula o tempo e o espaço subjetivos, fazendo-os ser mais concentrados ou mais difusos. Além disso, Zilberberg repara que estes processos de concentração ou difusão traduzem uma outra dimensão do sentido, anterior à temporalização e à espacialização propriamente ditas, que poderia ser denominada **extensidade**. Tem-se aqui, o início da configuração das simetrias: de um lado, a **intensidade**, que retrata nosso mundo subjetivo, nossos estados de alma; do outro lado, a **extensidade**, que se refere ao mundo exterior, à quantidade dos elementos envolvidos, aos estados de coisas. Correlacionando-as, teríamos, então, algumas possibilidades, organizadas da seguinte forma: 1. Relações inversas (Forte intensidade + Pouca extensidade ou Fraca intensidade + Ampla extensidade); 2. Relações conversas (Forte intensidade + Ampla extensidade ou Pouca intensidade + Pouca extensidade)

Zilberberg transforma o conceito de acento hjelmsleviano como categoria intensa no plano da expressão e o leva para o plano do conteúdo observando sua imprescindibilidade para uma análise deste plano: “[. . .] consideramos que o acento ocupa no plano da expressão uma posição tal que não se poderia conceber que ele deixasse de desempenhar algum papel no plano do conteúdo” (ZILBERBERG, 2011, p. 16). Evidentemente, sua ideia não consiste somente em considerar o acento unicamente como uma categoria semântica, mas em examiná-lo como elemento que relaciona a intensidade com a extensidade, de modo que nosso autor cria no eixo da intensidade, uma subcategoria específica para calcular o grau de **tonicidade** de uma grandeza. Ele observa que, assim como em uma palavra, a sílaba tônica é o ápice sonoro que indica o início de uma descendência em direção ao fechamento consonantal, e que este, por sua vez, anuncia a inevitável retomada da ascendência tonal, no nível prosódico discursivo, há uma “ascendência melódica inicial” (prótase), que pode ser apresentada por sucessivas etapas intercaladas por pausas, e que tende ao acento

crucial discursivo, e que depois deste, há uma espécie de “melodia descendente” (apódose), que em geral possui um caráter conclusivo. Temos aqui, duas categorias do eixo da intensidade que incidem sobre o eixo da extensidade: **andamento** e **tonicidade**. Quando seus pontos positivos extremos recaem sobre a extensão temos uma redução drástica da extensão e uma considerável exclusão dos sentidos não pertinentes; esta operação denomina-se **triagem**. Quando, por outro lado, prevalecer a atonia e o acento não for incisivo na regência da extensidade, teremos a tendência evidente à dispersão dos valores e dos conteúdos e a perda do foco de sentido (operação de **mistura**). Para Zilberberg (2011):

Do mesmo modo como, para a gramática intensiva, o aumento e a diminuição convertem-se em objetos recíprocos, assim também, para a gramática extensiva, a triagem e a mistura, disjuntas no sistema, tornam-se objetos mútuos no processo: o sujeito semiótico não pode evitar de triar misturas, visando a um valor de absoluto, e de misturar triagens, visando a um valor de universo. (ZILBERBERG, 2011, p. 122)

Ainda sobre tais operações o teórico francês nos diz que:

A sintaxe da extensidade operaria exclusivamente por **triagens** e **misturas**, de tal sorte que cada operação teria sempre a outra por objeto: a triagem recai sobre misturas que ela desfaz, na exata medida em que a mistura incide sobre as resultantes de triagens anteriores (Zilberberg, 2004 [2001], p. 72).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que por trás dos projetos teóricos sempre há o intuito de construção de modelos de previsibilidade; no entanto, considerando a anuência por parte dos fundadores da semiótica da indefinibilidade do conceito de sentido, nos questionamos até que ponto pode-se prever aquilo que é indefinível. Parece-nos evidente que, antes de qualquer desdobramento teórico, é preciso haver uma descrição satisfatória e o mais consensual possível de seu objeto, para só então, poder pensar em alguma extensão de tal teoria. Não observamos isto com a semiótica. Dizemos isto porque o que observamos são propostas de ramificações e/ou mudanças que passaram a ser chamadas de novas tendências semióticas, que, a nosso ver, não passam de detalhamentos de algum aspecto relacionado

à teoria geral do sentido. Vimos somente dois destes desdobramentos: a semiótica tensiva, desenvolvida por meio de um contraponto entre semiotização e musicalização, e a sociosemiótica, que prioriza a **interação**.

Embora seja um conceito indefinível, para dizer verdade, observamos uma escassa relação entre os aspectos desenvolvidos por estas “novas tendências” e seu suposto objeto, o sentido. Seus modelos, categorias, postulados, pouco aportam para o que de fato interessa. Pensemos no(s) “sentido(s)” que possa ter a frase “Ele é um homem grande”; agora, ao inverter sintaticamente a ordem das duas últimas palavras, e chegar a “Ele é um grande homem”, parece-nos haver unanimidade enquanto a que houve, sim, mudança de “sentido”, o que nos leva a concluir que em uma sentença verbal, a ordem de seus elementos possui relação com o sentido. Observemos o par “1. Só fizeram isso / 2. Fizeram só isso”; claro está que embora formadas com os mesmos elementos, as expressões tem “sentido(s)” diferentes, o que corrobora nossa conclusão anterior. Não só aspectos sintáticos, mas também fônicos tem relação direta com o sentido. “Você é muito bonito” articulado com uma entonação assertiva teria um sentido “denotativo”, literal, seria um elogio; por outro lado, a mesma frase enunciada em um contexto no qual a pessoa a quem vai dirigida carece de atributos físicos chamativos e, articulada com uma entonação irônica, teria o sentido contrário ao de um elogio, seria uma ironia.

Evidenciamos anteriormente nossa percepção de uma escassa (não nula) relação entre os aspectos desenvolvidos por estas “novas tendências” e seu suposto objeto, o sentido; ou seja, reconhecemos que os aspectos de suas teorias, sim, podem contribuir para a análise de seu objeto; além disso, reconhecemos que devido a ambiciosa pretensão da semiótica de dar conta de todos os sistemas semióticos, ou seja, de manifestações gestuais, visuais, verbais ou sincréticas, esta tem de valer-se de aspectos bem gerais (que deem conta destes textos); também, reconhecemos que os exemplos anteriores ilustram questões exclusivamente da linguagem verbal e de uma língua natural em específico (o português); no entanto, o que questionamos é a extensa e quiçá demasiada abrangência do tratado por estas “novas tendências”; acreditamos que haja questões, ainda não exploradas, e que tem uma relação mais próxima com o sentido propriamente dito; como já expressei, parece-nos que ainda falta caracterizar, descrever, o **sentido**. Feito isso, só então, podemos de fato, avançar, evoluir nos estudos semióticos. Voltar ao passado e rediscutir questões não significa um retrocesso teórico; pelo contrário, visitar tais questões às vezes é o melhor a se fazer; “às vezes é útil pedir à evidência que se

justifique" (BENVENISTE, 2005, pág. 284) No universo verbal, por exemplo, pensamos que retornar às origens da semântica estrutural e realizar uma análise semêmica (lexicográfica), na grande maioria das vezes, parece-nos imprescindível para uma análise semiótica séria, uma vez que, esta, tem como fim analisar o **sentido** (e este tem, no âmbito verbal, estreita relação com o significado do signo linguístico).

Finalmente, resta-nos recordar que "fazer semiótica, portanto, é sempre correr o risco de, a qualquer momento, se ver obrigado a rever as próprias afirmações. Para quem gosta de verdades e certezas, talvez seja melhor, então, enveredar por outros caminhos teóricos." (MATTE & LARA, 2009, pág. 349)

ABSTRACT

Among the characteristics of science is its non-regularity, its constant evolution, so that, with the constitution of research groups, workshops, meetings, congresses, study groups, semiotics (from Greimas) almost inevitably, it was taking other directions, it was "evolving". Among these other directions, perhaps better known for new trends, we will present and re-discuss basic notions of two: The **Sociosemiotics**, proposed by Eric Landowski and the **Tensive Semiotics**, proposed by Claude Zilberberg. Considering that the object of study of semiotics is meaning, this article intends to (re)discuss the relationship between these new semiotic trends and their objects. Based on Greimas & Courtés (2008); Greimas (1973); Bertrand (2003); Fiorin (1996); Barros (1990, 2001), among others, revisited the concept of meaning and observed that, despite the fact that behind theoretical projects there is always the intention of building predictability models, considering the agreement of the founders of the semiotics of indefiniteness from the concept of meaning, we ask ourselves to what extent one can predict what is indefinable. It seems evident to us that, before any theoretical development, it is necessary to have a satisfactory and most consensual description of its object as possible, so that only then can we be able to think about some extension of such theory.

Keywords: semiotics, meaning, new semiotic trends.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo, Ática, 1990.

BENVENISTE, Émile, 1902-1976. **Problemas de Linguística Geral I**: tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do prof. Isaac

Nicolau Salum – 5ª edição – Campinas, SP, Pontes Editores, 2005. ISBN: 85-7113-015-9

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. São Paulo, Edusc, 2003

BÍBLIA, A.T. **Eclesiastes**. In: <https://www.bible.com/pt/bible/211/ECC.7.24>. NTLH

CHAUVEL, Lucrecia Escudero. **Una Historia Necesaria**. DeSignis. Argentina, n 25, jul–dez 2016. Disponível em: <http://www.designisfels.net/publicaciones/revistas/25.pdf>

DUCROT, Oswald. **Sentido y Argumentación**. In: Homenaje a Oswald Ducrot. Buenos Aires, Eudeba, 2004, pp. 359-370.

FLOCH, J-M. **Lecture de Tintin au Tibet**, Paris, PUF, 1995.

GENINASCA, J. **Le regard esthétique**. 1984. In: Actes Sémiotiques-Documents, VI, 58 (rééd. In La parole littéraire, Paris, PUF, 1997.

GREIMAS, A. J & COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo, Contexto, 2008. ISBN 978-85-7244-316-6

LANDOWSKI, E. **La société réfléchie**. Essais de socio-sémiotique, Paris, Seuil, 1989.

_____. **Passions sans nom**. Essais de socio-sémiotique III, Paris, PUF, 2004.

_____. **Les interactions risquées**, Limoges, Pulim, 2005.

_____. Unità del senso, pluralità di regimi. in G. Marrone (dir.), *Narrazione ed esperienza*, Rome, Meltemi, 2007.

_____. **Sociosemiótica: uma teoria geral do sentido**. In; Galaxia. São Paulo, online, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>.

MARTINET, L. **Au sujet des fondements de la théorie linguistique de Louis Hjelmslev**, artigo citado em L. Hjelmslev, *Nouveaux Essais*, Paris, PUF, "Formes sémiotiques", 1985, p. 183.

MATTE, Ana Cristina Fricke & LARA, Gláucia Muniz Proença. **Um panorama da Semiótica greimasiana**. UNESP, São José do Rio Preto, n 53, ano 2009, p. 339-350. ISSN: 1981-5794.

TATIT, Luiz. **Bases do pensamento tensivo**. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse>. Editores Responsáveis: Ivã Carlos Lopes, José Américo Bezerra Saraiva e Eliane Soares de Lima. Volume 15, Edição Especial, São Paulo, abril de 2019, p. 11–26. Acesso em 05/03/2021.

ZILBERBERG, Claude. **De l'affect à la valeur**. In: M. CASTELLANA, Marcello (Org.). *Texte et valeur*. Paris: L'Harmattan, 2001.

_____. **As Condições Semióticas da Mestiçagem**. In: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana. *Olhar à Deriva: Mídia, Significação e Cultura*. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Elementos de Semiótica Tensiva**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.